

EDUARDO MAFFEI

Por Franklin Jorge



1939. Após sofrer prisões sob o Estado Novo, em decorrência de sua militância política, iniciada ainda na adolescência, chega a Natal Eduardo Maffei, médico e escritor. Obrigado a abandonar o exercício da profissão, transformou-se em “falsificador dela”, passando desde então a percorrer o Brasil como propagandista de remédios. Foi uma das melhores coisas que fiz na vida, se não a melhor – afirma, bem humorado, recordando-se de fatos e pessoas, entre os quais, o escritor Luis da Câmara Cascudo, que conheceu no Recife, brilhando numa roda de intelectuais pernambucanos.

Por essa época Maffei costumava freqüentar um grupo que

se reunia diariamente na esquina da Rua 1º de Março com a Rua do Imperador, no Recife, na vizinhança do Café Continental e da charutaria que fazia varejo da fábrica de cigarros Lafayette, ponto de encontro obrigatório da intelligentsia local.

Essa esquina tornou-se conhecida como “a da Lafayette”. Fazia-se ali, todas as noites, na calçada da Rua do Imperador, uma roda em que o Papa era o poeta Joaquim Cardozo. Essa roda havia se iniciado, anos antes, por Osório Borba, redator do Diário de Pernambuco, que ali se demorava a caminho do jornal. Levado por Eustáquio Duarte, ainda alcancei, integrando o grupo, o Ascenso Ferreira, antes que ele se mudasse para o bar do Grande Hotel. Ao se despedir, ele costumava dizer com o seu vozeirão de baixo, “voltarei com o sol das madrugadas da primavera”... Em abril de 1940 – a data eu não lembro com precisão –, aí por volta do dia 10, apareceu ali uma figura desconhecida para mim. Sua presença foi motivo de alegria geral. Ele, com sua verve, passou a comandar o espetáculo.

O homem, expansivo e cheio de verve, que Maffei recorda com emoção, era Luis da Câmara Cascudo. Nasceu aí uma amizade entre os dois homens que se consolidaria com o tempo. Trinta e sete anos depois, ao ser recebido no solar da Avenida Junqueira Ayres, Maffei ouviria de Cascudo que uma das poucas correspondências que guardava, depois de lidas, era a sua.

Cascudo era exatamente o homem descrito por Heine. O poeta alemão escreveu, em alguma parte de sua obra pré-romântica, que o homem só é homem quando ri... Creio que Cascudo fez da vida só alegrias e, em todos os nossos contatos, ele pôs o pitoresco.

Nos primeiros dias de 1939, Maffei visita Natal pela primeira vez, como representante de laboratórios. Dois anos antes, perseguido pela ditadura de Vargas, interrompera o exercício da medicina, tendo

sido preso quando a exercia em Capão Bonito, um lugar, segundo diz, o diabo perdeu as botas. Tinha início aí uma vida errante.

Eu propagandeava remédios, escrevia e, até onde era possível, servia de estafeta na Organização de resistência ao Estado Novo. Lembro-me que em Natal hospedei-me num hotel que era algo de dantesco e rudimentar. Eu já conhecia prisões políticas, mas eram pensões, apesar de forçadas, gratuitas... O meu primeiro deslumbramento, em Natal, foi a presença de uma mulher que, até hoje, costuma visitar-me em sonhos... A cidade, ainda provinciana, tinha, porém, seus encantos.

Havia a Cidade Alta e a Ribeira e um bonde que, às vezes sem freio, fazia a ligação entre os dois bairros mais tradicionais. Era célebre, esse bonde. Embora raramente, uma ou outra vez, descia direto, em alta velocidade, espalhando o pânico... Depois, fiquei sabendo que os estudantes do Atheneu Norte-riograndense costumavam passar sabão sobre os trilhos, para fazê-lo deslizar daquela maneira perigosa...

Por essa época, Eduardo Maffei escreveu para a revista Cultura, que se editava em São Paulo, uma reportagem sobre a epidemia de malária provocada pelo anófelescambiae que se abatera sobre a cidade. Os potiguares bem informados diziam que o mosquito havia sido introduzido pelo laboratório Bayer, para vender Atebrina e Plasmochina, medicamentos usados no tratamento da malária... E eu, como bom anti-fascista, endosseï, nessa reportagem, essa opinião.

Nascido em Itu, no estado de São Paulo, em 1912, Eduardo Maffei confessa que até hoje continua a apaixonar-se pela beleza e, por uma certa noite em que, recém-casado, deambulou madrugada adentro pelas ruas de Natal, na companhia de Cascudo.

Uma das coisas que mais impressionou Maffei foi a forma pela qual se comemorava o São João em Natal. A cidade ornava-se de lanternas de papel de seda de todas as cores. Não havia fachada de casa que não tivesse, pelo menos, uma. Fosse casa de rico ou de pobre, ostentavam em suas fachadas uma ou mais lanternas. O povo trazia para ali a primavera. Na véspera, sobretudo, era um vai e vem alegre de milhares de pessoas que se entrançavam pelas ruas do Alecrim para as Rocas e das Rocas para o Alecrim, os bairros antípodas, onde o São João eram comemorados nessa festa pagã.

Havia nas Rocas um restaurante, se não me falha a memória, de uma dona que preparava um peixe mais disputado que água pelos sertanejos em tempo de seca. Mais tarde, ao escrever um ensaio - que perdi depois de publicado -, sobre a influência do solstício de inverno na existência dos povos, fixeï o São João natalense em que o amendoim e a castanha de caju são nossas nozes e avelãs e, o nosso pé-de-moleque o panettone do hemisfério norte.

Somerset Maugham, com sabedoria, que a vida não se conta por anos, mas, sim, por momentos. Esses dias valeram-me muito. Lembro-me que, asvariando - o verbo é neologismo meu, de Judas Asverus e significa andar sem rumo-, passeï por uma casa profusamente enfeitada e tresandando alegria. Como visse que entravam ali algumas pessoas, pergunteï que tipo de casa era aquela. E entreï. Foi quando Maffei se deparou com “uma mulher meiga e encantadora, capaz de virar a cabeça de qualquer santo”, chamada Maria Boa.

Por esse tempo eu descobrira Dona Beja, de Araxá, que vivera um século antes. Fui eu que a descobri e sobre ela escrevi um trabalho na revista do Arquivo Histórico, de São Paulo, embora muitos anos depois, quando o assunto caiu em domínio público e foi assunto de TV, nem como eco o nome do descobridor dessa existência

extraordinária, Marquesa de Santos que foi do Triângulo Mineiro, aparecesse. Vendo Maria Boa tive a impressão que, por um processo de metempsicose, Dona Beja houvesse renascido em Natal... Maffei relembra que Maria Boa era muito importante e pairava sobre a cidade. Sua casa era freqüentada e atraía políticos, comerciantes, enfim, o supra-sumo da época. Trocamos algumas palavras. E nunca mais esqueci daqueles instantes...

Ainda, de Natal, o autor de “A Greve”, lembra que em 1946 reencontrou o proto-comunista Vulpiano Cavalcanti, que conheceu em Fortaleza, na época em que fazia propaganda de laboratórios. Maffei o considera um dos mais autênticos homens de que tem notícia. Estive com ele duas vezes. Mas se há algo que me marcou na vida, foi sua firmeza. Porém, acrescenta, para falar a seu respeito, precisaria de um dia inteiro.

(Fragmento do 2º volume d’O Spleen de Natal, de Franklin Jorge [inédito])

FRANKLIN JORGE (RIO GRANDE DO NORTE) – Escritor e Jornalista. Vencedor do Prêmio Câmara Cascudo em 1998. É autor de diversos livros, destaque para Ficções, fricções, Africções (1997)



www.revistablecaute.com.br